

Terapia Psicossomática

O Corpo dos Sentimentos e a Fisiologia das Emoções

Suzana Delmanto
Psicóloga Clínica
CRP 3476

teóricas-práticas e textos de reflexão

CALATONIA: o “Tempo Relógio” e o “Tempo sem Tempo”

A CALATONIA através da profundidade, sutileza e monotonia do toque, propicia a entrada em um estado crepuscular da consciência, favorecendo naturalmente o afastamento do “Tempo Relógio” e a entrada no “Tempo sem Tempo”.

Jung, em seu trabalho sobre a Sincronicidade *1 menciona que quando entramos nas camadas mais profundas do inconsciente, o espaço e o tempo se tornam relativos.

Sempre que estamos nas profundezas, diz Jung o tempo fica distorcido, tornando-se mais longo ou mais curto, em geral, mais longo.

Essa qualidade de vivência se manifesta na CALATONIA numa frequência muito significativa.

Imagens ou representações sensoriais com conteúdos arquetípicos costumam surgir espontaneamente durante o vivenciar de CALATONIA. Essas ocorrências podem ser compreendidas na medida que através do relaxamento, da regulação dos fluxos corporais e da penetração num estado de rebaixamento da consciência vigilante, fica liberado um potencial energético que fluindo para

o inconsciente favorece a constelação de conteúdos que afloram então a consciência.

Como dizia Jung...^{*2} “O único fator de cura em terapia é a experiência Arquetípica”. E ainda, ...” O nosso consciente é de modo peculiar, passivo e incompetente”. Comenta o fato de que no estado de rebaixamento da consciência, as potências ativas do inconsciente são estimuladas e afloram trazendo aspectos arquetípicos.

NESTE SENTIDO, A VIVÊNCIA CALATÔNICA FLUI INTEGRADA COM O PENSAR JUNGIANO.

Conforme podemos observar, o método da CALATONIA, na qual são aplicados nove toques distribuídos em pontos nos pés, incluindo calcanhar e tornozelo, tem a sua atuação em zonas do corpo carregadas de cargas mitológicas e simbólicas.

Considerando a linguagem simbólica, os pés são na CALATONIA, como dois receptáculos herméticos que carregam uma quantidade sem fim de símbolos. Conforme nos sinaliza Chevalier ^{*3}: “os pés fracos, frágeis ou deformados lembram fraqueza da alma, submissão e falta de prumo na existência. Os pés fortes mobilizam associações com passadas decididas, representando segurança e poder de ação”, e ainda “os pés como suporte do corpo e sendo a condição da marcha, marcam o princípio e o fim de um trajeto, a chegada e a partida. Deixando pegadas nos caminhos carregam com eles as marcas dos passos, dos feitos e das atitudes na vida”.

Também sobre o simbolismo dos pés, temos no mito de Aquiles que ^{*4} “a vulnerabilidade dos pés vem associada ao calcanhar, que, uma vez atingido

leva a queda. O calcanhar costuma ser reconhecido como uma zona de perigo, ponto fraco ou de pouca resistência ao ataque”.

Durante a CALATONIA, o paciente mergulhado em um estado alterado de consciência, costuma vivenciar imagens arquetípicas, vividas com intensidade dentro do corpo.

O corpo sendo vivido nas profundezas das suas vísceras e nos seus pontos cavernosos mais ocultos, torna-se um campo de vida – de batalhas – de perdas – de ganhos e de glórias.

Em cada batalha o reconhecimento da luta, com ganhos ou perdas, não importa o resultado. Como já foi dito “a coragem não é não ter medo é conseguir vencer o medo”. Da coragem de se levantar a cada queda, vem o mérito de mais uma batalha, a incorporação de mais uma medalha e no decorrer da vida as medalhas vão se acumulando no peito. Assim: “A VIDA SE FAZ HONROSA, SE PODE MORRER”.

*₁ Jung, C. G.: *Sincronicidade*; ed. Vozes; 1984

*₂ Jung, C. G.: *The Visions Seminars*; Spring Publication

*₃ Chevalier, J. G.: *Dictionnaire des Symboles*; R. Leffont, 1982

*₄ Cirlot, J. E.: *Dicionário dos Símbolos*; ed. Moraes, 2^a ed.; São Paulo